

# O ESPECTRO

SEMANARIO POLITICO

Biblioteca Municipal de Lisboa  
 Direcção Municipal da Cultura  
 Departamento de Acção Cultural  
 Direcção da Rede de Bibliotecas  
 Câmara Municipal de Lisboa

## A VIAGEM REAL

A monarchia constitucional, á frente da qual está Sua Magestade El-rei, vae seguindo um caminho deploravel, no resvala a que a têm levado esse governo corruptissimo, cheio de ineptos, de ambiciosos e de pulhas.

Não se acredita a desconsolação que lavra por esse paiz fóra, e que vulcão latente, existe nos espiritos!

Nós somos monarchicos convictos, temol-o affirmado por mais de uma vez, mas custa-nos ver como el-rei se tem desprestigiado, mercê do pouco criterio de uns e da especulação de outros.

A ultima dispendiosissima viagem de el-rei, causou um *frisson* por todo o paiz, que não foi propriamente de enthusiasmo nem de applauso.

Todos mais ou menos o sabem e o conhecem.

Ninguém, como nós, tem a coragem precisa para o dizer publicamente, sem tergiversações.

Comquanto sejamos rasadamente monarchicos, por convicção, não temos *parti pris* por conveniencias palacianas, como não sabemos dizer ou ao rei ou ao povo, mentiras que infamam o nosso character e pulluem a nossa alta missão de jornalistas independentes.

El-rei está rodeado por uma horda de ambiciosos, de especuladores, de *negociantes*, que commerceiam com tudo, até com as proprias levandades reaes, até com o proprio desprestigio das instituições, que lhes tem feito encher a barriga, e á sombra das quaes, elles surgiram da lama, a cuja superficie nunca deveriam ter apparecido.

Estas verdades são tangíveis e sabidas por toda a gente de bom senso, de criterio, e de juizo!

Andam de bocca em bocca, dizem-se em *cercles* intimos, balbuciam-se nos clubs, criticam-se nas redacções dos jornaes, apreciam-se desfavoravelmente os centros politicos e nos salões.

E' preciso que el-rei, reconheça, — e já é tempo de mais para isso, — que tem de pôr cobro a muita inconveniencia, a que dão causa principalmente os seus aulicos, os seus cortezaños, os seus ministros.

O governo progressista não tem curado senão de se encher e de tratar das suas conveniencias, mesmo á sombra do desprestigio monarchico, mesmo á custa do que se diz, ou do que se possa dizer das instituições.

O governo progressista tem sido, como certos

administradores de velhas casas fidalgas, que apregoando o seu amor e a sua dedicação pelos amos, — que, fazendo alarde, dos pergaminhos e das liberalidades d'elles, — os vão pouco a pouco lançando na ruina moral e material, até que os deixam na miseria, e vão, já absolutamente ricos, buscar o titulo grotesco da sua burguezia reles, para o goso do que souberam apanhar com as suas habilidades financeiras de administração e de cortezania!

E' preciso que alguém diga estas coisas a el-rei; — é preciso que el-rei as ouça; — é preciso sobretudo que as saiba, e que acredite no verdadeiro sentimento que inspira quem lh'as faz sentir.

Os ministros de Sua Magestade segredam ao seu rei, que o povo está satisfeitissimo com as viagens reaes, quando a verdade é que não está, que o não pode estar.

Os ministros de Sua Magestade com o fito em que el-rei os conserve no poder, e se submetta a todas as suas vergonhosas especulações mercantis e politicas, exploram a sua vaidade, as suas liberalidades, o seu amor proprio, chegando audaciosamente a fazerem apregoar pelos seus jornaes, que — el-rei deu *nove contos de réis* para os pobres de Madrid, — que a rainha gastou *duzentos contos de réis* em Paris, fazendo compras, — que el-rei deixou presentes aqui ou ali de *cem contos de réis*, — que a rainha mandou fazer bilhetes de visita (!) que lhe custaram *um conto e oito centos mil réis*, — ou que finalmente el-rei deixou em Barcelona para os famulos que o serviram a quantia de *cinco contos de réis!!!*

Ora isto poderá ser muito agradável talvez para Sua Magestade, mas não o é para o seu povo, e por errado caminho vae el-rei, se pensa que os seus ministros andam sinceramente e de boa fé apregoando essas fabulosas despesas, e lisongeando-o por ellas!

Perfeitamente d'accordo que desde Sua Magestade até ao ultimo subdito d'este paiz, todos têm o direito de ir tratar da sua saude: — mas com o que jamais alguém concordará, é que esse tratamento custe ao povo algumas centenas de contos de réis, esbanjados demais a mais loucamente, ao ponto de que, mesmo fóra da nossa terra, chamem ao rei, — perdulario!

Um paiz pobre e pequeno, como o nosso, não pode com esbanjamentos, partam d'onde partirem. Emquanto o povo está faminto, sobrecarregado de impostos pesadissimos, e o paiz deve o melhor de

muitos milhares de contos de réis, — andam os seus reis em passeios faustuosos, dispendendo sommas fabulosas dos cofres da nação, e, lisongeados pelos seus ministros sabujos, creem que essas despesas hão de ser muito gratas ao seu povo!

Pois não o são!

E os ministros, que, falseando os sentimentos do povo, enganam el-rei, com falsas informações, e lhe exploram, a seu beneficio, a vaidade, com escandalosos pregões de liberalidades d'arripiar, são traidores ao seu rei e á sua patria, e merecem do paiz a mais severa, a mais tremenda condemnação.

A moralidade do nosso caso, que a tire quem nos ler, e quanto á sinceridade e á honestidade das nossas palavras, que dêem testemunho todos os homens honrados de coração e de caracter.

E nada mais.

## Um homem de sciencia julgado por um ignorante

### PASTEUR

E

EDUARDO D'ABREU

Portugal chegou a uma epocha de tanta decadencia, e os homens de sciencia apparecem tão raras vezes, que os ignorantes se atrevem a dar a sua opinião sobre o merecimento de um sabio a quem a Europa tem prestado justissima homenagem por reconhecer quanto a humanidade deve a esse bom velho, que tem gasto a sua existencia para descobrir o meio de tornar impotentes os tristissimos resultados da hydrophobia.

Sabios reconhecidos teem accetado como bom o systema de Pasteur acreditando na sua efficacia no tratamento da raiva; em Portugal ha um **sabio da asneira**, que se atreve a dizer aos homens de verdadeiro merecimento:

«Pasteur é um charlatão, e a demonstração do charlatanismo d'elle está no **relatorio** que entreguei ao nobre ministro do reino de Portugal!!!»

E aqui está como a opinião desauthorizada de um asno serve para que um ministro do reino declare que o systema de Pasteur é inefficaz para a cura da raiva!!

Já não temos phrases verdadeiramente energicas para verberar o procedimento **ignobil** d'esse **immoral** governo, que para em tudo especular até especula com a vida dos desgraçados que se acham atacados da terrivel doença!

Para em tudo mostrarmos a insignificancia scientifica do nosso paiz, até temos um ministro do reino que apresenta ao Estrangeiro o estapafurdo relatorio de um Eduardo d'Abreu, que foi a Pariz a pretexto de ir estudar o systema Pasteur, oficialmente persuadido que as notabilidades francezas seriam tão ingenuas, que o tomassem como um sabio de reconhecido merecimento!!!

E aqui tem o paiz como um **pygmeu da classe dos alveitares** se atreve a dar a sua opinião sobre o tratamento de um grande homem, de um

chymico de merecimento reconhecido, que se chama Pasteur, e que faz curvar sob o peso da sua opinião auctorisada as mais eminentes notabilidades da Europa.

Ha em Portugal **trez Escolas Medicas** que teem á sua frente verdadeiras capacidades.

Não se **consultam** essas **estações officaes** que acreditam no tratamento de Pasteur, unicas que tinham competencia para dar a sua **opinião auctorisada**, que podiam **salvaguardar a responsabilidade** do ministro do reino.

Mas o Sr. ministro do reino que no exercicio das funcções do elevado cargo que occupa, em cousa alguma se importa de cumprir com o seu dever, só tem em vista ser agradável aos Abreus e aos Firminos e a toda essa sucia que vegeta neste malfadado paiz para o desacreditar.

Opiniões auctorisadas como as dos Drs. Mattos Chaves e José Joyce são de parecer que as pessoas atacadas de hydrophobia devem partir immediatamente para Pariz afim de se sujeitarem ao tratamento de Pasteur.

E é tal a consideração que estes dois distinctos medicos teem por Pasteur, que o ultimo n'um bem rigidido artigo publicado nas *Novidades* diz o seguinte:

«São bem conhecidos de todos os seus ultimos trabalhos ácerca das inoculações do virus rabico, executadas pelo sabio chimico francez e que actualmente tantas victimas tem chamado ao seu laboratorio, na esperança de que uma vaccina prophylatica os ponha ao abrigo da terrivel doença de que se julgam ameaçados e cujas manifestações receiam como um desastre irremediavel e fatal.

E' completa a obra de Pasteur sobre a raiva e não cabe nos limites d'este artigo esplanal-a com todo o desenvolvimento que ella comporta.

E tão terrivel é esta entidade morbida, tão horrorosa na sua symptomalogia, tão fatal no seu desenlace, que não pôdem deixar de ser encarados e vistos com respeito os trabalhos do chimico francez, abençoando a hora em que uma vaccina salvadora venha tolher a marcha da doença, abortando-a na sua evolução, ou prevenindo os animaes vaccinados, tornando-os immunes contra a explosão da doença, quando um dia a fatalidade lhes houvesse feito penetrar no organismo uma baba virulenta e mortal.

No estado actual da sciencia e perante os trabalhos de Pasteur, pôde dizer-se que está resolvida a questão de tornar um animal refractario á introdução no seu organismo do virus rabico, virus que necessariamente damnaria o animal se elle por uma inoculação previa se não tivesse tornado refractario.»

E o distincto medico José Joyce termina o seu artigo da seguinte forma:

«O merito do sabio francez consiste na impertubavel placidez e serenidade dos seus trabalhos, no rigoroso emprego dos processos de observação, na irresistivel força da sua logica experimental, que o eleva aos olhos dos que estudam e trabalham como um modelo a seguir e que um dia será para muitos um nome aabençoar.»

E em vista da doutrina expendida nas diferentes partes do artigo que transcrevemos, restará ao paiz alguma duvida sobre a incapacidade do sr. Eduardo d'Abreu e sobre os instinctos mavevolos do sr. ministro do reino, em não querer

mandar a Paris os desgraçados que lhe imploram, que os não deixe morrer de uma morte tão horrível?

Parece-nos que não.

## MAIS MONOPOLIOS!

### Novas tramoias do sr. Marianno de Carvalho!

Os escandalos succedem-se uns após outros, e o governo que por obra de Deus, ou do Diabo, está á frente dos negocios d'este paiz, entendeu que não nos deve deixar nem a pelle.

Os **syndicatos**, os **arranjos**, as **ladrociaras** não teem fim!

Saiba-se que partiu para o Porto o deputado governamental sr. Centeno, afim de combinar com o sr. Barjona de Freitas a maneira como se deve fazer a fusão das duas companhias do gaz.

Os promotores do *arranjo* são os srs. Marianno Cyrillo de Carvalho e Fernando Palha, presidente da Camara Municipal de Lisboa, — os dois syndicateiros de mais audacia que teem pisado terra portugueza.

Ora o presidente da direcção da nova Companhia do Gaz, é um tal Léon Somzée, typo conhecido, com abundancia de processos crimes e commerciaes pelos *bons negocios* que tem feito na sua nação, onde é deputado pelo partido reaccionario, eleito ha 3 ou 4 mezes. Isto reduzido ás verdadeiras proporções, quer dizer que este sr. Somzée, um dos principaes negociantes de Bruxellas, está na conta para entrar em negociações com o Syndicato constituido pelo sr. Marianno de Carvalho, — porque diz o rifão: — *cada um com seu igual*...

Todos sabem como estavamos sendo pessimamente servidos com a Companhia Lisbonense de Illuminação a Gaz. Veiu a nova companhia, e logo se suppoz que a concorrência havia de tornar o gaz melhor e mais barato, mas, — doce illusão! — agora já se anda tratando de organizar syndicato para a fusão das duas companhias!!!

O publico que vá vendo no negro sudario das nossas palavras, aonde nos tem levado a purria do governo, cujo ideal é a barriga e as suas algibeiras!

Não largaremos mão do assumpto.

## LISBOA... NO SERTÃO

### Um caso grave da ultima semana!

E' pasmoso, senão supinamente grotesco, o que se está passando n'esta terra, á beira do Oceano, na melhor situação geographica, com fóros de civilização e de mais coisas parecidas.

A ultima semana foi fertillissima de acontecimentos graves, desde a chegada de el-rei, até á consolação de que os espiritos se encheram, com a radiosa ideia de que por ahi fóra, homens, mulheres e cães, — tudo junto, louvado Deus! — andam hydrophobos ou tõem em si já o virus da hydrophobia!

Parece brincadeira, mas não é!

Se isto não é um paiz de opera buffa, não sabemos como classificar esta pobre terra.

Nós não vamos fazer o mais insignificante comentario aos factos: — deixamol-o ao criterio dos nossos leitores.

Lançamos apenas ao papel as bases do *corpo de delicto*.

#### Primeiro

Em plena Lisboa anda toda a gente no risco imminente de ser mordida por cães hydrophobos, que passeiam livremente pela cidade, sem mais responsabilidades nem incommodos!

#### Segundo

Em plena Lisboa ha cães hydrophobos que mordem impunemente as pessoas, e animaes da sua especie, e ninguem sabe de tal acontecimento, senão depois de haver victimas!

#### Terceiro

Em Lisboa morre-se, sem mais recurso algum da sciencia ou do diabo, atacado de hydrophobia, em convulsões horrorosas, e que fazem estremecer de pavor!

#### Quarto

Em Lisboa ha uma *Sociedade Protectora de Animaes*, com as melhores intenções de proteger os brutos, incluindo os cães damnados, como adiante se verá, e essa patusca *Sociedade* vegeta com o applauso talvez dos poderes publicos, — reciprocamente protegidos!...

#### Quinto

Em plena Lisboa essa *Sociedade d'Animaes*, que deveria ter responsabilidade, *trespassa* o seu hospicio, ou hospital de brutos, sem mais aviso ao publico, a um *gallego*, moço, ou *enfermeiro* (?) que, segundo o *trespasse*, fica sendo o director geral e interno do estabelecimento ou hospicio!

#### Sexto

Em Lisboa um gallego, com a authorisação, carta branca e diploma de competencia, da *Sociedade Protectora dos Animaes*, arvora-se em medico de brutos, applica-lhes tratamentos, e faz autopsias!

#### Setimo

Em Lisboa, uma associação constituida, — a dos *animaes*, — entrega as vidas d'uma capital nas mãos d'esse gallego, inepto e parvo, cumprindo assim a sua missão de *protectora dos brutos*, — porque lá diz o dictado: — *Deus creou o burro para ajuda do homem, e o gallego para ajuda do burro!*...

## Oitavo

Finalmente em Lisboa (no sertão) o governo de Sua Magestade que gasta com as viagens reaes milhares de contos de reis, arvora-se em critico do grande, do immortal Pasteur, e nega aos mordidos, o unico, o supremo recurso, que as victimas lhe solicitam para irem tratar-se a Paris!

Isto reduzido á expressão mais simples quer dizer o seguinte:

— que a chamada *Sociedade Protectora de Animas* teve a inteira, completa, e inquestionavel responsabilidade criminal dos ultimos acontecimentos, porque ludibriou o publico, apanhando-lhe dinheiro para o hospicio d'animas e abusando da confiança que lhe inspirou, fazendo-o suppôr que esse tal hospicio era coisa approximadamente séria; — augmentando ainda essa responsabilidade, com o facto de *trespassar* o hospicio a um gallego, deixando ficar o publico na ingenua convicção de que, partindo o estabelecimento d'uma associação legalmente constituída, podia ter n'elle e nas suas operações ou declarações, toda a confiança:

— e que o governo mais uma vez provou ao povo o seu despotismo, a sua ineptia e o seu pulhismo, regateando uns magros cobres para as victimas se irem tratar com Pasteur, dando assim ao mundo civilisado o deploravel espectáculo, de escourear o nome do benemerito mais glorioso e mais extraordinario do nosso seculo!

Já o dissemos: — não fazemos commentarios.

Da justiça do *corpo de delicto*, que deponha o publico inteiro, de consciencia e de sinceridade!

Acabam de vir mostrar-nos um annuncio publicado domingo ultimo no *Diario de Noticias*, pela *Sociedade Protectora dos Animas*, que reza assim:

## Sociedade Protectora dos Animas

«Por ordem da direcção da referida sociedade e em virtude de intimação da auctoridade superior do districto fica suspensa a admissão de animas de qualquer especie n'este estabelecimento, até que esteja em condições de poder funcionar, segundo as prescripções indicadas pelo intendente de pecuaria.

Fica ipso facto rescindido tambem o contracto da exploração do referido estabelecimento pelo enfermeiro Manuel Francisco Gordo, celebrado entre elle e a direcção da mesma sociedade em 1 de dezembro de 1886.

(a) Direcção.» —

Por modestia a Direcção não assigna o annuncio. Pois é pena, porque nós gostavamos de saber os nomes dos doutores, que reconhecem agora, — depois do crime! — que o seu estabelecimento não está em condições de funcionar, e que levam a sua sciencia juridica até ao ponto de, por meio d'este simples annuncio, rescindirem ipso facto, — este ipso facto é de arrebrantar a rir! —, o contracto de exploração com o gallego enfermeiro!!!

Querem-n'o mais claro?

Este annuncio é a *confissão* da propria sociedade, confissão tacita da criminalidade dos seus actos.

Aguardamos agora que o governo, a policia, ou a justiça dos tribunaes cumpram o seu dever!

Para honra d'este paiz e para evitar futuras explorações, exigimos que se processem os directores da *Sociedade dos Animas*, unicos culpados dos ultimos desgraçados acontecimentos!

A ignorancia suina de rescindir contractos por meio de annuncios, prova bem, que aquillo é um sociedade de... animas!

Ficamos álerta.

## Companhia de Jesus

## CAPITULO XIV

## Dos casos reservados e dos motivos para se despedir da companhia

6. De nenhum modo se devem conservar aquelles que abertamente se levantam contra os superiores, ou que em publico, ou em segredo, se queixaram a seus irmãos e principalmente a estranhos; nem aquelles que entre os nossos ou entre os estranhos censuram o proceder da companhia, no que respeita á acquisição ou á administração dos bens temporaes, ou suas outras maneiras de obrar; por exemplo tratar com desprezo, ou opprimir aquelles que lhe não querem bem, ou que ella poz fóra, etc., e mesmo aquelles que na conversação toleram ou defendem os venezianos, os francezes, ou outros que tenham expulsado a companhia ou lhe fizeram supportar grandes prejuizos.

7. Antes que se lance fóra qualquer, deve ser acerrimamente maltratado, desviando-o dos ministerios a que está habituado, e destinando-o a diferentes cousas; posto que bem as execute deve ser censurado, e com este pretexto applicado ainda a outra cousa mais. Por uma leve falta que elle commetta, lhe imponham severos castigos, que em publico o confundam até impacientado; e finalmente que o expulsem como pernicioso aos outros, e para isto se escolha uma occasião que elle não suspeite.

8. Se alguns dos nossos tiver certa esperanza de alcançar um bispado ou alguma outra dignidade ecclesiastica, não o obriguem a fazer algum voto mais, alem dos usuaes votos da companhia; d'esta maneira elle conservará sempre optimos sentimentos pelo instituto da companhia, da qual dirá constantemente muito bem, e nunca terá confessor que não seja d'ella mesma, e cousa alguma de consequencia ha de praticar sem consultar a opinião da companhia. O que, em rasão de não ser observado pelo cardeal de Toledo, a companhia alcançou da Santa Sé que nenhum rapaz descendente de judeus, ou de mahometanos seria n'ella admittido, o qual não quizesse fazer semelhante voto, e posto que digno fosse, seria posto fóra como um violento inimigo da companhia.

(Continúa)